

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT11.018](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT11.018)

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA QUANTO AOS PROCESSOS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NA UFRN

NINODJA THAYSI BARBALHO DA SILVA SOUZA

Mestranda em Educação, na linha de pesquisa Educação e Inclusão em Contextos Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGED/UFRN, ninodjabarbalho@gmail.com;

MARIA APARECIDA DIAS

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, cidaufrn@gmail.com.

RESUMO

Este resumo trata de apresentar a análise e a síntese dos dados que fazem parte da nossa pesquisa de dissertação de mestrado intitulada de Percepções de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista quanto aos Processos de Inclusão: acesso e permanência na UFRN. Tal pesquisa foi realizada com graduandos com TEA da UFRN, tendo como principais objetivos: identificar as percepções dos estudantes com TEA no que se refere ao acesso e a permanência no âmbito acadêmico e caracterizar dimensões de acessibilidade no ambiente universitário e suas possíveis contribuições para o processo de inclusão de estudantes com TEA. Na primeira etapa da pesquisa, foram enviados questionários on-line para 34 discentes cadastrados na Secretaria de Inclusão e Acessibilidade da referida universidade, onde obtivemos 09 respostas. Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 04 estudantes. Os nove estudantes que participaram da pesquisa encontram-se na faixa etária entre 19 e 33 anos e estão matriculados nos seguintes cursos: Ciências Biológicas, Letras – Língua Portuguesa; Tecnologia da Informação, Engenharia Elétrica, Comunicação Social – Audiovisual, Medicina e Biblioteconomia. O viés investigativo deste trabalho tem como eixo norteador a pesquisa de natureza qualitativa, com ênfase nas abordagens exploratória e descritiva, sob a perspectiva da análise do conteúdo, de acordo com os pressupostos teóricos de Bardin (1977). Tal estudo também recebe as contribuições

teóricas de Castro e Almeida (2014), Gama e Brandão (2020), Oliveira e Abreu (2019), Mantoan (2003), Sales e Viana (2020) e Brasil (2015). Vale salientar que os nomes utilizados para identificar os estudantes são fictícios, como forma de preservar sua identidade. A seguir, serão apresentados dados quantitativos e qualitativos, bem como sua análise, considerando-se as respostas obtidas pelos sujeitos da pesquisa através dos questionários e entrevistas semiestruturadas aplicados.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior, TEA e Inclusão, TEA e permanência na universidade.

INTRODUÇÃO

1. PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES COM TEA DA UFRN QUANTO AO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E O PAPEL DO PROFESSOR.

A relação entre estudantes com transtorno do espectro autista e o ambiente universitário é algo que necessita ser bastante melhorado em diferentes aspectos, especificamente em se tratando das universidades públicas brasileiras. Isso se evidencia nos muitos relatos dos estudantes e na literatura existente que aborda a respeito do autismo na universidade. Há necessidades de adequações no ambiente físico, no trabalho pedagógico e nas metodologias utilizadas pelos docentes, na relação entre professores e estudantes, pois, muitos docentes ainda não sabem lidar com os diferentes perfis cognitivos e sensoriais dos discentes com TEA. Tais dificuldades também perpassam pelo ambiente acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Constatamos esse fato através das respostas dos questionários aplicados e também nas falas das estudantes que aceitaram participar das entrevistas referentes à pesquisa de dissertação de mestrado intitulada de: Percepções de Estudantes com Transtorno do Transtorno do Espectro Autista quanto aos Processos de Inclusão: acesso e permanência na UFRN. Tal pesquisa foi realizada com graduandos com TEA da UFRN, tendo como principais objetivos analisar as percepções dos referidos estudantes quanto aos processos de inclusão e permanência na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem na universidade, a maioria dos estudantes considera que, apesar de apresentar um ensino de qualidade e bons professores, o ambiente acadêmico da UFRN necessita ser mais acolhedor para os estudantes que apresentam a condição do transtorno do espectro autista.

Jasmim, 24 anos, estudante de Medicina, afirma que: *“ainda existe muito a melhorar principalmente no quesito de inclusão”*, referindo-se ao processo de ensino na UFRN, tendo em vista que na maioria das vezes, se sente mais acolhida pelos colegas de turma – quando necessita de algum apoio quanto ao conteúdo ministrado – do que por alguns professores.

Por conseguinte, Margarida, 33 anos, estudante de Biblioteconomia, atribui pontuação 8 ao processo de ensino e justifica:

poderia ser muito melhor se tivesse uma estrutura boa com computadores funcionando, ar condicionado funcionando, oferta maior de disciplinas optativas, oferta maior de professores, professores mais qualificados, bons laboratórios em todos os setores, opções maiores de alimentação dentro do campus com alimentos mais saudáveis e que supram as necessidades de pessoas com restrições alimentares, espaço confortável e silencioso para os estudantes ficarem estudando e com os seus pertences à disposição durante intervalos maiores de tempo em que precisem ficar no campus.

A despeito do que a aluna menciona, e das sugestões por ela apresentadas, acreditamos que a adequação dos espaços físicos nas instituições de ensino superior, especificamente na UFRN, em consonância com as necessidades pedagógicas dos discentes, dentre os quais, os discentes com TEA, é imprescindível, considerando-se suas especificidades, dentre as quais, dificuldades sensoriais, por exemplo, as quais acabam também interferindo no processo de aprendizagem. Levar em consideração essas características, e fazer as adequações necessárias nos espaços acadêmicos é contribuir para a perspectiva de uma universidade mais acessível e inclusiva.

“Dessa forma, ao tratar da importância de uma universidade acessível para pessoas com autismo, faz-se necessário ressaltar a necessidade de se pensar na adequação de todos os espaços físicos frequentados por esses discentes na instituição”. (OLIVEIRA E ABREU, 2019, p. 77)

Genericamente, os estudantes que participaram da pesquisa mencionaram que os principais entraves que enfrentam na universidade estão relacionados ao perfil de alguns professores, aos processos metodológicos por eles utilizados, remetendo-se, pois, às barreiras atitudinais e também às barreiras na comunicação e informação.

Os discentes com TEA acrescentaram ainda que, grande parte dos docentes não compreendem as suas especificidades enquanto estudantes neurodivergentes e que não utilizam adequações metodológicas voltadas para as necessidades dos educandos que se encontram nessa condição. Orquídea, 21 anos, estudante do 1º período de Medicina, comenta nesse sentido que: **“Os professores em grande parte se recusam a aceitar adaptações de linguagem e metodologia de ensino que desviem do que já aplicam a alunos neurotípicos”**.

Por sua vez, Melissa, de 23 anos, estudante do 2º período de Tecnologia da Informação, comenta:

É importante mudar esse entendimento que alguns professores têm de que o aluno é que tem um problema e o aluno que se vire, sabe? Como se fosse culpa da pessoa ela ter uma dificuldade, ou enfim... Então, eu acho que é muito nesse sentido. Assim: os professores precisam entender que o nosso cérebro funciona de uma forma diferente, então, não dá pra colocar uma prova igual pra todo mundo e achar que vai ter, né? Um resultado positivo pra todo mundo, né? Adotar maneiras diferentes de avaliação, né? Não ser só uma prova superimportante com uma nota chave pra todo semestre, né? Coisas assim, coisas simples que podem ser feitas também e que vão melhorar muito o ensino pra todo mundo. Seria um crescimento para o professor também, mudar um pouco a forma de ensinar, né?

Os comentários trazidos pelas estudantes no que diz respeito à postura dos docentes na universidade, nos remetem a refletirmos acerca de como os processos de ensino e de avaliação da aprendizagem têm se consolidado no âmbito acadêmico, onde se percebe que as subjetividades dos alunos deixam muitas vezes de ser consideradas, em detrimento dos processos intelectuais e conceituais priorizados.

No modelo predominante de Educação Superior, os aspectos subjetivos e sociais dos alunos são poucos ou quase não considerados, à medida que são supervalorizados os aspectos cognitivo-intelectuais da aprendizagem. (BEYER, 2005, PIECZKOWSKI, 2016 apud SALES E VIANA, 2020, p. 148)

Quanto a estudante sugere que os professores precisam entender que o cérebro da pessoa com TEA funciona de forma diferente e que o professor não deveria realizar apenas um único modelo de prova para toda a turma, mas sim, vários modelos, adotando maneiras diferentes de avaliação, refletimos sobre a importância de os docentes perceberem os estudantes em suas múltiplas necessidades educacionais. Isso significa compreender as subjetividades dos discentes, tendo em vista que cada sujeito é, pois, singular, dentro da diversidade; possui necessidades cognitivas diferentes e modos de aprender também diferentes. Se um modelo de avaliação não garante a aprendizagem dos estudantes, faz-se necessário que o docente planeje outros modelos de avaliação que lhes garanta que tal aprendizagem aconteça. E isso vale para todos os estudantes, com e sem autismo. Como enfatizou a estudante Melissa, tais medidas melhoram o ensino de todos. Neste sentido, concordamos com Sales e Viana (2020) que: “Está na avaliação formativa a âncora para a construção de um processo de averiguação e compreensão na perspectiva inclusiva”.

Todavia, é preciso que o professor universitário esteja disposto a estabelecer essa mudança de concepções e que realmente busque novas estratégias metodológicas que proporcionem uma verdadeira aprendizagem. Para tanto, o professor deve partir das próprias subjetividades, das dificuldades que vem encontrando em sua prática pedagógica no que diz respeito aos processos pedagógicos inclusivos, bem como das necessidades educacionais dos alunos. Essa é a reflexão necessária a qual se constitui em buscar práticas pedagógicas efetivamente inclusivas, tendo em vista que contempla as necessidades e as aprendizagens de todos os estudantes. Essa nova forma de produzir conhecimento e de avaliar a sua turma, implicará em novas formas de ensinar e de aprender, tornando esse processo mais significativo, tanto para quem ensina, como para quem aprende.

A ação docente no âmbito da educação inclusiva evoca, no professor universitário, o espírito do não saber e da imprevisibilidade, que forja sua subjetividade docente. Essa “nova” subjetividade implicará uma forma diferente de ser professor por meio de suas práticas pedagógicas e avaliativas. (PIECZKOWSKI, 2016 apud SALES E VIANA, 2020, p. 147)

1.1. O QUE DIZEM OS ESTUDANTES QUANTO AO PRÓPRIO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

No que diz respeito ao próprio processo de aprendizagem, ao fazerem a classificação deste, atribuindo uma pontuação que variou de 1 a 10, alguns estudantes com TEA comentaram que tiveram, e ainda apresentam dificuldades, as quais eles detalham a seguir. Outros disseram ter facilidade nesse processo. Hortênsia, 22 anos, estudante de Ciências Biológicas, classifica seu processo de aprendizagem na universidade com a nota 8, pois diz que tem certas dificuldades para acompanhá-lo.

Orquídea, 25 anos, estudante de Medicina, atribui pontuação 4 ao seu processo de aprendizagem e acrescenta: *“Por conta própria, consigo aprender algumas coisas importantes e estou conseguindo manter meu rendimento na média, mas sinto que poderia aprender de uma forma menos exaustiva”*.

Gérbera, por sua vez, atribuiu a pontuação 9 ao seu processo de aprendizagem e acrescentou:

“Experiências novas. Cresci muito. Não tinha ninguém da família pra saber como funciona uma universidade. Então foi um universo de ensino que acho que foi proveitoso”.

Durante a entrevista presencial, ela detalhou mais sobre essa perspectiva, nos explicando que não havia ninguém da família que estivesse fazendo faculdade e lhe explicasse como esse processo funcionava. Mas, ao iniciar o curso de Letras, viu que aos poucos estava conseguindo desempenhar com êxito seu processo de aprendizagem e que hoje, já quase concluindo o curso, consegue perceber que aprendeu bastante em diferentes aspectos, tanto em relação aos conteúdos e disciplinas, como em relação à própria vivência enquanto estudante universitária e as experiências imbricadas nesse processo.

Melissa, por conseguinte, atribui ao próprio processo de aprendizagem na Universidade a pontuação 7 e justifica:

“Não tenho dificuldade em aprender, mas os meus estudos têm sido prejudicados pela minha saúde mental e física. Eu sofro de tonturas crônicas desde 2019 e minha tontura tem forte associação com a ansiedade, que foi avaliada como grave em 2021. Por isso, pode ser que eu aprenda, mas a ansiedade e a tontura têm me feito esquecer ou pensar que não sei dos assuntos. Porém, continuo tentando aprender mais e me desenvolver”.

Neste sentido, percebe-se que muitas comorbidades, as quais comumente estão presentes nas pessoas com autismo, acabam interferindo diretamente no processo de aprendizagem, como aconteceu com a estudante Melissa, diante do que ela relata. Daí a importância de esses estudantes terem também o apoio psicológico no âmbito das IES.

Margarida, por sua vez, classifica com pontuação 8 seu processo de aprendizagem e explica ainda que o ambiente da universidade acaba interferindo diretamente nesse processo. Segundo ela:

“o ambiente muitas vezes atrapalha o aprendizado, quando não tem ventilação ou ar condicionado, quando as luzes são muito fortes, quando os colegas de classe falam muito alto todos ao mesmo tempo, quando precisa ficar aguardando as aulas nos corredores num ambiente muito quente, barulhento e com bancos desconfortáveis e insuficientes, quando um aluno com autismo passa por tudo isso antes de uma aula não rende porque passa o tempo da aula justamente se regular, passar a ansiedade, o desconforto e estresse.

Em relação ao que Margarida relata, percebe-se que os fatores ambientais e suas respectivas condições interferem direta e negativamente no seu processo de aprendizagem. Fatores externos como: calor, luzes fortes, barulhos acabam gerando uma sobrecarga sensorial e, conseqüentemente, desencadeando fatores

como: ansiedade, desconforto e estresse em estudantes com autismo, como a própria aluna mencionou.

No que diz respeito ao processamento sensorial, Cardoso e Blanco (2018, p. 110), explicam que este “é compreendido como uma função neurofisiológica responsável por registrar, organizar e interpretar as informações sensoriais captadas pelos sistemas sensoriais”. Desta forma, os sistemas sensoriais captam, registram e interpretam informações em relação aos fatores ambientais, os quais podem gerar algum desconforto ou desorganização. Tais fatores ambientais também podem incomodar pessoas neurotípicas, todavia, em muitos casos, em pessoas com TEA isso ocorre de forma mais intensa, pois o cérebro da pessoa com TEA funciona de maneira diferente. A intensidade com que essas sensações ocorrem e a maneira como são captadas pelos sistemas sensoriais varia de indivíduo para indivíduo.

Cardoso e Blanco (2018, p. 121) explicam que:

As características apresentadas pelo aluno com TEA, em especial os déficits na regulação dos inúmeros estímulos sensoriais que experienciam no ambiente escolar, implicam na necessidade de se repensar estratégias que permitam e apoiem o acesso desse aluno ao processo de aprendizagem, evidenciando a importância da utilização de estratégias sensoriais no cotidiano escolar do aluno com TEA.

Neste caso, quando essas necessidades emergem no ambiente universitário, é importante que as estratégias sensoriais utilizadas estejam em consonância com a necessidade de cada estudante, isto é, sejam estratégias individualizadas, se for o caso. Deste modo, cada situação deverá ser observada atentamente pelo professor, e em comum acordo com a turma, a estratégia deverá contribuir para que o estudante com TEA volte a se organizar sensorialmente. Atitudes simples podem fazer uma grande diferença para o bem-estar desses estudantes. E algo que merece uma reflexão é o fato de que muitas vezes, aquilo que não parece incomodar a maioria dos estudantes na sala de aula ou em outro espaço pertencente ao ambiente acadêmico, pode ser motivo de incômodo para um estudante com TEA gerando para ele uma sobrecarga sensorial que pode desencadear outros fatores.

Daí a necessidade de todo o espaço universitário oferecer condições ambientais favoráveis e adequações necessárias que possam minimizar esse desconforto, tornando o ambiente acadêmico um lugar mais confortável para todos os estudantes. É também primordial a universidade possa identificar a cada ano letivo o perfil sensorial de cada estudante, com vistas a melhor compreendê-lo e

buscar mecanismos para minimizar as dificuldades provenientes dessas questões peculiares.

1.2. O QUE PENSAM OS ESTUDANTES QUANTO AO PROCESSO DE INCLUSÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE.

No que diz respeito ao processo de inclusão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e como este vem ocorrendo, a maioria dos estudantes afirma que precisa melhorar bastante em diferentes aspectos. A estudante Hortênsia, de 22 anos, que cursa Ciências Biológicas, comenta:

Ainda não acho a universidade um local muito acolhedor para alunos autistas. Não existem locais de apoio, pouca informação para os professores, além de ter uma logística dentro do campus ruim, como os 3Circulares para a locomoção.

Em se tratando das interações sociais estabelecidas, os alunos ressaltaram que os colegas de turma costumam ser atenciosos e ajudam no que for necessário. A despeito dessa questão da inclusão na UFRN, a estudante Orquídea, de 25 anos, atribui pontuação 3 no questionário aplicado e justifica: ***“Os alunos são muito inclusivos e acolhedores em relação às minhas necessidades educacionais, mas não sinto o mesmo vindo dos professores”.***

Melissa, 23 anos argumenta:

“O processo inclusivo é longo e a sua implementação é urgente. No geral, as pessoas demoram para entender a necessidade de mudanças expressivas no ensino, principalmente professores. A UFRN tem feito seus esforços em suas secretarias e comissões de inclusão e acessibilidade, mas se quem ensina não estiver aberto a mudanças, a inclusão permanecerá muito longe de ser realidade.

Jasmim atribui nota 6 ao processo de inclusão na UFRN e comenta: ***“Muito fraco! Mal consigo ver”.*** Acrescenta: ***“Eu vou mentir a você não, vou lhe ser sincera! Eu me sinto mais acolhida pelos meus colegas de turma do que pela própria universidade.***

Margarida, 33 anos, classifica o processo de inclusão na universidade com a pontuação 7 e justifica que ***“alguns professores e funcionários ainda não entendem a importância da inclusão”.***

Neste caso, a aluna se refere aos ônibus circulares que transportam os estudantes dentro do campus, aos diferentes setores da UFRN.

Compreende-se através do depoimento das estudantes o quanto se faz necessário o acolhimento por parte dos professores - como já mencionamos a priori - no intuito de identificar as necessidades educacionais desses educandos e, a partir daí, adequar a sua prática pedagógica.

Sabemos que há peculiaridades comportamentais intrínsecas a condição do estudante com TEA as quais impõem desafios à comunidade acadêmica, desafios estes essenciais para que se compreenda e se ponha em prática o processo de inclusão. Tais atitudes proporcionam o crescimento e o desenvolvimento atitudinal de todos os envolvidos, tendo em vista que o processo de inclusão demanda uma gama de fatores como: empatia, cooperação, reciprocidade, afetividade, acolhimento, respeito aos ritmos de aprendizagem dos educandos, dentre tantos outros aspectos essenciais nas instituições de ensino, inclusive na universidade. Significa ainda dizer que os estudantes com TEA muito têm a contribuir com suas vivências e experiências. Seus hiperfocos, por exemplo, quando identificados e valorizados no ambiente acadêmico, podem contribuir bastante para o campo científico, cultural e pedagógico da universidade.

A educação inclusiva se caracteriza como um novo paradigma que se constitui pelo apreço e cuidado à diversidade como condição a ser valorizada pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela proposição de novas práticas pedagógicas. (ANACHE, 2007; PRIETTO, 2006 apud SALES E VIANA; 2020, p. 148).

Para que os discentes com TEA permaneçam na universidade, para que consigam concluir seus estudos de forma eficaz, muitos serviços necessitam funcionar efetivamente, no que diz respeito ao atendimento educacional especializado, por exemplo, pois existem necessidades educacionais específicas que precisam ser consideradas para que esses alunos possam concluir seus estudos acadêmicos. Em face de algumas características neurodivergentes¹, as quais incidem em com-

1 O termo "neurodivergentes" está associado à neurodiversidade. De acordo com Ortega (2008, p. 477), neurodiversidade trata-se de um termo que "tenta salientar que uma "conexão neurológica" (neurological wiring) atípica (ou neurodivergente) não é uma doença a ser tratada e, se for possível, curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras) ". O autor ainda explica que os indivíduos autodenominados

portamentos, percepções e sensações inerentes às suas particularidades, enquanto pessoas no espectro, por existir essas especificidades, o ambiente acadêmico deve oferecer adaptações que sejam pertinentes e que estejam de acordo com suas subjetividades. Tais adaptações se remetem a mudanças ou adequações que possam erradicar determinadas barreiras no espaço universitário, as quais interferem diretamente e, conseqüentemente atrapalham o processo de aprendizagem dos estudantes inviabilizando muitas vezes a continuidade dos estudos.

1.3. ASPECTOS POSITIVOS PERCEBIDOS PELOS DISCENTES EM RELAÇÃO À UFRN.

Quanto aos aspectos positivos vivenciados na UFRN, os estudantes citaram os seguintes:

"O pessoal da SIA é bastante atencioso, apesar das limitações, eles fazem o que podem e é notório o esforço deles". (Hortênsia)

"Acredito na importância da existência da Secretaria de inclusão e acessibilidade. Foram muito solícitos e fizeram o possível para que minhas necessidades fossem comunicadas aos docentes". (Orquídea)

"Eu acho que é mais a parte que eles ajudam". (Cravo, 19 anos, estudante de Comunicação Social - Audiovisual)

"A existência de vários programas de inclusão e execução de projetos para tal". (Flor do Campo, 25 anos, estudante de Comunicação Social - Audiovisual).

"A SIA é amigável". (Gérbera).

"Temos a Secretaria de Inclusão e Acessibilidade, as Comissões de Inclusão e Acessibilidade, os Setores de Apoio a Práticas Educacionais, além de outras organizações, com profissionais diversos promovendo discussões e treinamentos para melhor orientar os docentes e discentes quanto às questões de ensino-aprendizagem dos estudantes com Necessidades Educacionais Específicas. Há de fato uma assistência aos estudantes, tornando a permanência muito mais acessível a um público que frequentemente é excluído em sociedade". (Melissa)

"Um Auxílio Inclusão²". (Jasmim).

"neurodiversos" consideram-se "neurologicamente diferentes", ou "neuroatípicos", como as pessoas com transtorno do espectro autista ou das que tem altas habilidades, por exemplo.

- 2 Neste caso, a discente se refere a uma bolsa acessibilidade oferecida pelo governo federal para estudantes com deficiência. De acordo com o EDITAL 001/2022 – SIA, este auxílio pertence ao Programa Bolsa Acessibilidade da UFRN, sendo financiado com recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), e destinado aos estudantes com deficiência dos cursos da primeira

"A SIA e o NADIS³, têm ajudado muito na parte de ouvir os alunos e intermediar soluções junto ao departamento à que o aluno está ligado". (Margarida).

1.4. SUGESTÕES APRESENTADAS PELOS ESTUDANTES PARA VIABILIZAR OS PROCESSOS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NA UFRN.

Ao aplicarmos o questionário para os graduandos autistas que participaram da pesquisa, indagamos acerca de sugestões as quais eles pudessem apresentar e que estivessem relacionadas à viabilização da inclusão e da permanência deles, enquanto estudantes da UFRN. Deste modo, surgiram muitas proposições relevantes, as quais são apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 01 - Sugestões dos estudantes para viabilizar os processos de inclusão e permanência na UFRN

SUGESTÃO	ESTUDANTE
Formação para os professores sobre como lidar com alunos autistas em sala de aula.	Hortênsia
Oficinas para promover a conscientização dos docentes acerca das especificidades de pessoas autistas no processo de ensino- aprendizagem.	Orquídea
Matérias adaptativas.	Cravo
Palestras e projetos de extensão sobre o autismo e como ele influencia o aluno durante a jornada.	Flor do Campo
Materiais que usem mais de um formato ao mesmo tempo (texto/áudio/vídeo). Auxílio na organização da carga horária. Professores que não exijam que a gente leia a mente deles.	Gérbera
Difusão de mais conhecimento sobre a condição para discentes, docentes e outros servidores da instituição; Distribuição e orientação sobre o uso de equipamentos de proteção auditiva; Maior participação de autistas em eventos sobre autismo.	Melissa
Realmente parar e ver estratégias eficazes junto ao aluno.	Jasmim

graduação na modalidade de ensino presencial, os quais comprovem estar em situação de vulnerabilidade social e econômica. A bolsa acessibilidade contempla estudantes com deficiência física, auditiva, visual, intelectual, múltipla ou estudantes com transtorno do espectro autista regularmente matriculados na UFRN, que estejam cadastrados na SIA, no Cadastro Único e não tenham nenhuma atividade remunerada. Ao ser contemplado através de processo seletivo, o estudante passa a receber mensalmente uma bolsa de acessibilidade no valor de 400,00 Reais.

- 3 NADIS: Núcleo de Assistência ao Discente. Neste caso, a estudante se refere ao NADIS do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFRN.

Espaços calmos e silenciosos onde os alunos se sintam confortáveis e possam ir quando estão ansiosos, onde possam se acalmar, possam permanecer durante intervalos, onde possam entrar com suas mochilas e bolsas porque muitas vezes tem elementos importantes que precisam estar à mão como medicamentos, livros, fones de ouvido, etc.

Margarida

1.5. MENSAGEM DAS ESTUDANTES ENTREVISTADAS

Para a etapa das entrevistas semiestruturadas, quatro estudantes com TEA se disponibilizaram em participar. Ao final de cada entrevista realizada, pedimos para que deixassem uma mensagem que retratasse o perfil delas enquanto estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e enquanto pessoas com transtorno do espectro autista. Elas deixaram as seguintes mensagens:

"Acho que o mais importante de tudo é que: escutem os estudantes autistas! "
(Gérbera)

"Eu queria reforçar o agradecimento, pela oportunidade de estar falando sobre as minhas dificuldades... É ... Sobre as coisas que eu gostaria que melhorassem na universidade, porque essa é uma parte muito importante, né? De estar passando pra um pesquisador essas questões pra que isso seja formalizado e o que pra mim importa muito é que mais pessoas saibam, mais pessoas entendam sobre isso, acho que a grande parte da inclusão é isso". (...) então, isso de falar diretamente com a pessoa com deficiência, com alguma neurodivergência, é importante, pra conhecer de fato o que é que aquela pessoa precisa. (Melissa)

Ah... eu acho que pra permanecer na universidade né, a gente precisa do suporte, né? Em equipe, não só o nosso esforço, mas também o esforço dos professores pra, é...são muitos alunos, né? Mas, dá uma acompanhada assim, pra perceber se esse aluno tá conseguindo entender, se ele tá conseguindo acompanhar, se é... ele tá conseguindo avançar né? Porque não adianta só ir passando de semestre e não conseguir ter uma boa formação, né? Ter um bom desempenho, é... pra ser um bom profissional. (Margarida)

Ah, que autistas eles crescem, que não somos crianças o resto da vida, é.. que é possível o autista ser o que ele quiser ser, e...não somos diferentes, que o autismo, ele é parte de nós, é apenas como vemos a fo...o mundo, e que, acho que se as pessoas, elas acolhessem as diferenças, e, invés de ficarem julgando, acho que a gente não precisaria tá só falando nisso, sabe? E a gente não sofreria tanto! Porquê...é muito difícil ser diferente no mundo em que as pessoas querem ser todas iguais! E se todas as pessoas fossem iguais, seria um mundo bem chato, né? Então, é isso. E, que tô...e eu queria dizer pros autistas que é possível, é possível fazer o que a gente quiser ser. Basta querer e basta ser o que você quer ser. Eu sonhei ser médica desde criança, antes de descobrir que... autismo, mas eu já me

sentia diferente e hoje eu tô aqui numa Federal, vou ser uma médica, e o autismo não vai me impedir disso, na verdade ele me acrescenta em alguns momentos. É isso! (Jasmim)

As mensagens trazidas pelas estudantes são bastante pertinentes, pois desvelam e revelam suas reais necessidades educacionais e representam as necessidades dos demais estudantes com TEA que estudam na instituição Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tais percepções devem ser consideradas e valorizadas por toda a comunidade acadêmica, já que todas as pessoas que dela fazem parte são também responsáveis pela inclusão. Neste sentido, corroboramos com Oliveira, Santiago e Teixeira (2022, p. 19) quando ressaltam:

[...] defendemos a importância de os cursos de graduação abrirem espaço para que o aluno com TEA possa se colocar como sujeito pensante e sensível, para que possa externalizar, de alguma forma, suas dificuldades, seja por meio da escrita, da arte, ou de qualquer outra forma de expressão que, de alguma maneira, expresse quem ele é e como se sente

Diante disso, é de suma importância que a UFRN, a partir dessas contribuições, possa rever sua política de acessibilidade e inclusão e realizar as adequações que forem pertinentes, com vistas a garantir a inclusão e a permanência desses estudantes na referida instituição federal de ensino superior.

METODOLOGIA

O viés investigativo deste trabalho dissertativo tem como eixo norteador a pesquisa de natureza qualitativa, com ênfase nas abordagens exploratória e descritiva, sob a perspectiva da análise do conteúdo dos sujeitos da pesquisa, considerando-se para tanto, os pressupostos teóricos de Bardin (1977). Deste modo, por meio da pesquisa qualitativa, buscamos responder à seguinte problemática: As expectativas educacionais e inclusivas dos estudantes com transtorno do espectro autista estão sendo correspondidas pelos cursos de graduação da UFRN considerando-se o olhar desses estudantes?

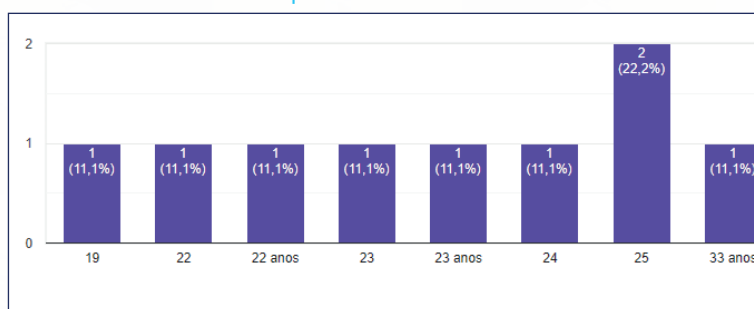
As técnicas utilizadas foram o questionário e a entrevista semiestruturada através dos quais, buscamos interpretar, analisar, compreender e sintetizar os dados obtidos, vislumbrando o surgimento de novos saberes a partir do objeto de estudo desta pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa se caracterizam por serem estudantes de graduação dos cursos da UFRN, os quais possuem o transtorno do espectro autista e são cadastrados na Secretaria de Inclusão e Acessibilidade da referida universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos a seguir os dados obtidos através dos questionários on-line, respondidos pelos estudantes com TEA da UFRN que participaram da pesquisa.

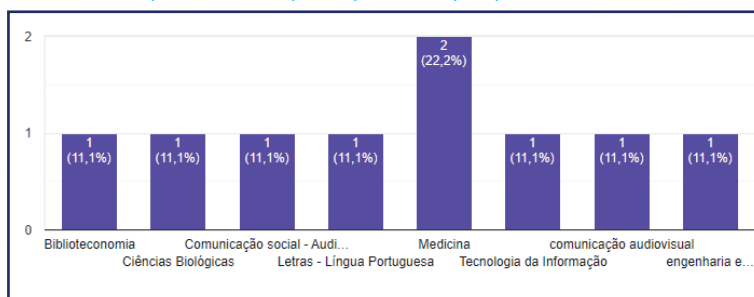
Gráfico 01: Faixa etária dos estudantes com transtorno do espectro autista que responderam os questionários on-line



Fonte: questionários on-line

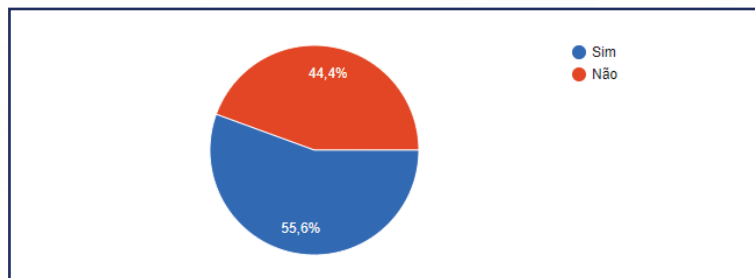
Quanto aos cursos de graduação em que os estudantes com TEA participantes da pesquisa estão matriculados, como mostra o gráfico a seguir, são eles: Biblioteconomia, Ciências Biológicas, Comunicação Social – Audiovisual, Letras – Língua Portuguesa, Medicina, Tecnologia da Informação e Engenharia Elétrica.

Gráfico 02: Cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em que os estudantes com transtorno do espectro autista participantes da pesquisa estão matriculados



Fonte: questionários on-line.

Gráfico 03: Percentual do ingresso na UFRN dos estudantes com transtorno do espectro autista através do sistema de cotas



Fonte: questionários on-line.

Percebe-se através dos dados obtidos no gráfico que, mesmo apresentando uma deficiência, neste caso, o transtorno do espectro autista, 44,4% dos estudantes da UFRN não concorreram ao sistema de cotas para ingressarem na universidade.

Quanto ao processo de ensino na UFRN, este foi classificado com pontuações que variam de 2 a 10 pelos estudantes. A tabela 09 mostra a relação entre quantidade de estudantes, a pontuação que cada um atribuiu ao processo de ensino na universidade e o percentual correspondente a pontuação atribuída.

Tabela 01: Pontuação atribuída pelos estudantes com TEA quanto ao processo de ensino na Universidade Federal do Rio Grande do Norte

QUANTIDADE DE ESTUDANTES	PONTUAÇÃO ATRIBUÍDA	PERCENTUAL CORRESPONDENTE
1	2	11,1%
2	7	22,2%
4	8	44,4 %
1	9	11,1%
1	10	11,1%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados coletados nos questionários on-line.

Considerando-se a tabela acima, grande parte dos estudantes com TEA considera as aulas excelentes e que os docentes ensinam bem, todavia, acreditam que adaptações metodológicas e curriculares devem ser feitas para que haja uma melhor compreensão das matérias e conteúdos propostos e um melhor desempenho nesse sentido. Deste modo, genericamente eles acreditam que o processo

de inclusão precisa melhorar no âmbito acadêmico, em se tratando das questões supracitadas.

No que diz respeito ao próprio processo de aprendizagem na Universidade, os estudantes, numa escala de 1 a 10, atribuíram pontuações que variam entre 4 a 10, conforme a tabela abaixo:

Tabela 02: Pontuação atribuída pelos estudantes com TEA da UFRN quanto ao próprio processo de aprendizagem

QUANTIDADE DE ESTUDANTES	PONTUAÇÃO ATRIBUÍDA	PERCENTUAL CORRESPONDENTE
1	4	11,1%
1	6	11,1%
2	7	22,2 %
3	8	33,3 %
1	9	11,1%
1	10	11,1%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados coletados nos questionários on-line.

Diante dos resultados apresentados, obtivemos algumas respostas dos estudantes para justificar a pontuação atribuída. Três deles disseram que ainda possuem dificuldades para acompanhar o processo de aprendizagem; um deles afirma que as próprias condições do ambiente muitas vezes não favorecem o seu aprendizado. Fatores ambientais como: barulho, calor, muitas pessoas conversando ao mesmo tempo, acabam gerando estresse e ansiedade nos estudantes neurodivergentes, o que acaba interferindo diretamente na sua aprendizagem.

Os estudantes que atribuíram pontuações 8, 9 e 10 ressaltaram que não têm dificuldades em aprender o conteúdo e que conseguem ter um ótimo desempenho, mesmo diante das dificuldades apresentadas que dizem respeito aos fatores ambientais do espaço acadêmico e a práticas pedagógicas não adaptadas, utilizadas por alguns professores.

Em se tratando do processo de inclusão na UFRN, este aspecto recebeu pontuação que varia de 3 a 10, numa escala numérica de 1 a 10. O detalhamento de tais dados aparece a seguir, na tabela 11:

Tabela 03: Pontuação atribuída pelos estudantes com TEA da UFRN quanto ao processo de inclusão na universidade

QUANTIDADE DE ESTUDANTES	PONTUAÇÃO ATRIBUÍDA	PERCENTUAL CORRESPONDENTE
1	3	11,1%
1	4	11,1%
1	6	11,1%
2	7	22,2%
3	8	33,3%
1	10	11,1%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados coletados nos questionários on-line.

A maioria dos estudantes afirma vivenciar muitas dificuldades no quesito Inclusão na universidade, por acreditarem que o ambiente como um todo poderia ser mais acolhedor e atender melhor suas necessidades educacionais, no que se refere a aspectos como: locomoção dos estudantes, logística, acolhimento por parte dos professores, propagação de mais informação acerca do transtorno do espectro autista e promoção de eventos e diálogo nesse sentido. Segundo os discentes, alguns funcionários e professores ainda não entendem a importância da inclusão. Os estudantes citam o apoio da Secretaria de Inclusão e Acessibilidade da UFRN, mas acreditam que se as pessoas não estiverem abertas a mudanças, as quais, segundo eles, são necessárias e urgentes, o processo de inclusão não irá acontecer de forma expressiva.

Com relação às barreiras existentes, as que mais são encontradas no cotidiano acadêmico pelos alunos aparecem na tabela e no gráfico a seguir, com seus respectivos percentuais.

Tabela 04: Barreiras encontradas pelos estudantes com transtorno do espectro autista na UFRN

BARREIRAS ENCONTRADAS PELOS ESTUDANTES NA UFRN	QUANTIDADE DE ESTUDANTES	PERCENTUAL EQUIVALENTE
URBANÍSTICAS	2	22,2%
ARQUITETÔNICAS	2	22,2%
NOS TRANSPORTES	4	44,4%

BARREIRAS ENCONTRADAS PELOS ESTUDANTES NA UFRN	QUANTIDADE DE ESTUDANTES	PERCENTUAL EQUIVALENTE
NAS COMUNICAÇÕES E NA INFORMAÇÃO	7	77,8%
ATITUDINAIS	4	44,4%
TECNOLÓGICAS	1	11,1%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados coletados nos questionários on-line.

Podemos perceber que as barreiras que mais se sobressaem na opinião dos estudantes são as barreiras nas comunicações e na informação, atitudinais e nos transportes, e isso está intimamente relacionado ao que ressaltamos a priori, no capítulo anterior e no início da análise dos dados, quando mencionamos sobre a figura do professor e as estratégias metodológicas por ele utilizadas, as quais não são adequadas às necessidades cognitivas dos estudantes com TEA. Há um certo distanciamento por parte de alguns docentes na sua relação com os estudantes autistas. Tais aspectos também foram explanados nas entrevistas.

Associadas a isso, estão as barreiras na comunicação e na informação, configuradas pela pouca propagação e pelo pouco conhecimento ou compreensão acerca da educação numa perspectiva inclusiva dentro da universidade. Segundo os estudantes, tal perspectiva necessita ser ampliada e propagada de forma contínua na universidade.

Os estudantes também mencionam as barreiras nos transportes, se referindo aos ônibus circulares que fazem o seu trajeto dentro do Campus, os quais são considerados barulhentos e lotados. De acordo com uma das estudantes entrevistadas, o sistema de solicitação de parada dos ônibus circulares poderia ser melhor, com acionamento posicionado mais abaixo, para que pessoas de menor estatura ou em cadeiras de rodas pudessem acionar sozinhas, e o som emitido poderia ser menos estridente.

Quanto aos fatores positivos que existem na UFRN e de que maneira estes contribuem para a inclusão e a permanência dos estudantes no âmbito acadêmico, seis estudantes mencionaram a Secretaria de Inclusão e Acessibilidade como parceira no processo de inclusão, diante do trabalho que vem realizando junto aos professores, com vistas a informá-los sobre as necessidades educacionais dos alunos neurodivergentes; a SIA também oferece apoio para os próprios estudantes no sentido de estar promovendo discussões e orientações quanto às questões de aprendizagem. Também são citadas as Comissões de Inclusão e Acessibilidade, os

Setores de Apoio a Práticas Educacionais e o Núcleo de Assistência ao Discente do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, sendo este responsável por ouvir os alunos e intermediar soluções junto ao departamento ao qual o estudante está relacionado.

Como melhoria para os processos de inclusão na universidade, que também viabilizem a sua permanência na universidade, os estudantes sugerem que sejam realizados palestras e projetos de extensão sobre o TEA e como este influencia o aluno durante a jornada acadêmica; que sejam utilizados pelos docentes materiais com diversos tipos de formato ao mesmo tempo (texto/áudio/vídeo), os quais facilitam a compreensão dos conteúdos; .difusão de mais conhecimento sobre o transtorno do espectro autista para discentes, docentes e outros servidores da instituição UFRN; distribuição e orientação sobre o uso de equipamentos de proteção auditiva; maior participação de autistas em eventos sobre autismo; ver estratégias eficazes junto ao aluno com autismo, ou seja, conhecer melhor suas necessidades cognitivas e discutir com ele sobre estratégias de ensino que possam contribuir para a sua aprendizagem significativa; criação de espaços calmos e silenciosos onde os alunos com TEA se sintam confortáveis e possam ir quando estão ansiosos e possam se acalmar, possam permanecer durante intervalos, entrar com suas mochilas e bolsas porque, segundo afirmam, muitas vezes tem elementos importantes que precisam estar à mão como: medicamentos, livros, fones de ouvido, dentre outros.

Diante da relevância do que foi apresentado nesta seção, compreendemos o quanto se faz necessário estar proporcionando aos estudantes da UFRN, em especial, os estudantes com transtorno do espectro autista, momentos de escuta, onde esses discentes possam estar explanando acerca das suas necessidades educacionais que, se consideradas pela instituição Universidade, irão contribuir de forma preponderante para que o processo de aprendizagem seja eficaz. Ninguém melhor do que os próprios estudantes com TEA para mencionarem acerca dos desafios que perpassam pela perspectiva de estar no ambiente acadêmico. Por isso que priorizamos tanto nesta pesquisa a importância de evidenciarmos as percepções dos estudantes com TEA em relação aos processos de inclusão, acesso e permanência no espaço acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os pressupostos mencionados a priori acerca das percepções dos estudantes com TEA na universidade, compreendemos que as instituições

acadêmicas de ensino superior devem ainda buscar uma ampla reflexão a respeito do currículo, dos objetivos de ensino, dos processos metodológicos e da avaliação no sentido de que esses elementos possam estar intimamente voltados a uma perspectiva inclusiva, que possam ir de encontro às perspectivas emergentes dos estudantes com TEA, acerca do que eles esperam que as universidades possam estar oferecendo em prol das suas aprendizagens e peculiaridades. Não basta que estes estejam inseridos no espaço acadêmico, consiste sim, na universidade buscar identificar as dificuldades e as necessidades por eles apresentados. Para tanto, a realização de uma avaliação diagnóstica inicial é de suma importância, para que sirva de eixo norteador para a elaboração de um planejamento pedagógico consistente. É primordial que se leve em consideração a elaboração de atividades diversificadas, interessantes, que estejam contribuindo para as aprendizagens desses sujeitos e para um clima de colaboração mútua.

Destacamos nesse processo o papel do professor, o qual se constitui enquanto fator preponderante e se torna mais significativo quando este profissional assume com eficácia o perfil de mediador das interações estabelecidas, busca se aprimorar constantemente, realiza a sua autoavaliação, compreende e respeita a diversidade. Compreendemos que as instituições de ensino superior que assumem uma dimensão inclusiva deverão reestruturar física e pedagogicamente sua estrutura, atualizar seu currículo, tornando-o mais flexível e dinâmico, capaz de atender às múltiplas necessidades e de contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes, fazendo-os atingir o máximo de suas potencialidades cognitivas, valorizando aquilo que já sabem e analisando continuamente seus avanços e recuos.

Por conseguinte, cabe à própria UFRN oferecer cursos de formação para os professores – como sugeriram os estudantes – e toda a comunidade universitária; palestras, oficinas, simpósios, seminários, cursos de extensão, dentre outros meios que dialoguem, propaguem a informação e o conhecimento acerca das características do Transtorno do Espectro Autista e das estratégias didático-metodológicas que viabilizem a construção de uma universidade mais inclusiva.

Cabe, por fim, à universidade, buscar de forma contínua ouvir os estudantes como TEA, considerar as suas percepções, as quais são muito importantes. Certamente, eles têm muito a colaborar e a contribuir com propostas que favoreçam a educação na perspectiva inclusiva, já que são eles que vivenciam diretamente as muitas barreiras que interferem no seu processo de aprendizagem, barreiras estas que os impedem de avançar, de permanecer no âmbito acadêmico e concluir seus

estudos. Que toda a comunidade universitária tenha um olhar atento e sensível para o que tais estudantes sentem, pensam, percebem e vivenciam! É o que verdadeiramente almejamos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto. Portugal: Edições 70, 1977.

BRASIL. SENADO FEDERAL. ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Brasília, 2015.

CARDOSO, Nathalia Rodrigues. BLANCO, Marília Bazan. **Terapia de Integração Sensorial e o Transtorno do Espectro Autista**: uma revisão sistemática da literatura. Revista Conhecimento Online; 2019, v. 1, p. 108 – 125.

CASTRO, Sabrina Fernandes de. ALMEIDA, Maria Amélia. **Ingresso e Permanência de Alunos com Deficiência em Universidades Públicas Brasileiras**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 20, n.2, p. 179-194, Abr-Jun., 2014.

GAMA, Fabiano da Silva. BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. **Educação Silenciosa**: o olhar da instituição superior para o aluno autista. Hegemonia - Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Violência/Ciência Política do Centro Universitário Unieuro. UNIEURO, Brasília, número 30 (Especial), 2020, p. 90-108. Disponível em: [http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_30/Iolanda%20Bezerra%20\(5\).pdf](http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_30/Iolanda%20Bezerra%20(5).pdf)

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003; (Coleção cotidiano escolar).

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça. ABREU, Tiago Florêncio de. **A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG)**. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, v.6, n. 2, p. 69-86, Jul-Dez, 2019.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça. SANTIAGO, Cinthia Brenda Siqueira. TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves. **Educação inclusiva na universidade:** perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. São Paulo, Educ. Pesqui. 2022; v. 48.

SALES, Jefferson Falcão. VIANA, Tania Vicente. **Autistas na Educação Superior: trilhas para construção de uma avaliação da aprendizagem inclusiva.** p. 139-157 In: **Investigação, Engajamento e Emancipação Humana.** E-book. Ano 2020. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65160>